

O alfaiate de Ulm: uma possível história do Partido Comunista Italiano

LUCIO MAGRI

São Paulo: Boitempo, 2015, 415p.

Marly de A. G. Vianna*

Excelente a ideia da publicação em português de *O alfaiate de Ulm: uma possível história do Partido Comunista Italiano*, com um belo prefácio de Marcos Del Roio.

O livro, entre as várias questões de interesse que levanta, tem como pano de fundo a reflexão de um dirigente comunista a pensar com rigor a política de seu partido, o PCI, e sua atuação como militante desse partido.

Sendo rigoroso em suas análises, critica com serenidade políticas adotadas e dirigentes do PCI, sem agressões e sem desilusões. Magri continuou a acreditar nos ideais socialistas que o levaram à militância e a analisar derrotas e vitórias sem desistir da luta.

O livro é importante para todos os que se interessam por política – nacional, no caso da Itália, ou internacional – e também àqueles que trabalham com as questões relativas à memória.

As críticas de Magri partem do reconhecimento da importância histórica do comunismo: “Refiro-me, especificamente e em conjunto, a uma experiência histórica que colocou de forma explícita a questão de uma revolução anticapitalista, dirigida pela classe operária organizada em um partido, que durante décadas reuniu em torno dessa obra milhões e milhões de homens, combateu e venceu uma guerra mundial, governou grandes Estados, plasmando sociedades e influenciando indiretamente

* Professora da Universidade Salgado de Oliveira. E-mail: magvianna@uol.com.br

os acontecimentos do mundo e, ao fim, não por acaso, degenerou e foi duramente derrotada. Para o bem ou para o mal, ela marcou quase um século inteiro” (p.27).

Magri faz uma profunda análise da política italiana, ao mesmo tempo em que examina o que se passava no mundo. Sobre o PCI, mostra a importância da libertação da Itália para o partido, a transformação de grupos guerrilheiros em força unida antifascista e, em abril de 1944, a proposta de uma república democrática multipartidária para empreender reformas profundas com a participação dos trabalhadores. Mostra, com destaque, a importância de Palmiro Togliatti, que comandou a que chama “viragem de Salerno”, depois de sua volta à Itália naquele ano.

Magri passa pelo governo de unidade nacional (1944-1947) e mostra que estavam dadas as bases para um partido de novo tipo, um partido de massas, que chegou a arregimentar mais de 2 milhões de filiados e tinha como eleitores um quarto dos italianos.

A Guerra Fria é considerada como um entrave ao desenvolvimento de alianças democráticas. Para Magri, uma Guerra Fria de longa duração começou com o ataque dos aliados à URSS, em 1918. Passando por um período de aparente normalização, depois do Tratado de Rappalo, ela voltou à tona em 1930, oculta nas chancelarias. Magri considera que uma “nova guerra fria” começou no dia da morte de Franklin Delano Roosevelt e analisa os acontecimentos internacionais daí decorrentes ligados à sua repercussão na política do PCI.

Em relação à URSS, Magri possui o mesmo olhar crítico que tem para com o PCI: a grande admiração pela Revolução Russa e todo o seu legado de lutas e conquistas e, ao mesmo tempo, uma visão crítica sobre a forma como a URSS enfrentou os problemas que o socialismo colocava – ou que não soube enfrentar depois da morte de Lenin.

Ao abordar a questão da verdadeira degenerescência do PCI, Magri começa por analisar as várias interpretações sobre a atuação do partido; isso, desde as primeiras e simplistas posições que consideraram o PCI como essencialmente social-democrata depois do final da Segunda Guerra Mundial.

Entre as questões levantadas pelo autor, destaco o balanço que Magri faz de sua militância, tentando entender não só sua atividade política como as motivações de seu comportamento pessoal. Ao tratar de suas lembranças, ele faz importantes considerações sobre a memória, uma vez que analisa sua militância a partir dela. E chama atenção para a necessidade de reconhecer na reconstrução da memória o papel das lentes daquele que a recupera (p.31).

Magri esmiúça o caminho político do PCI, de sua constituição num partido de massas com mais de 2 milhões de membros, a seu melancólico fim. E faz observações importantes para todo militante comunista: “Enquanto a burguesia se constituiu e se afirmou como classe, por meio do poder econômico e da supremacia cultural, e somente ao fim expressou instituições políticas que não necessitavam de partido, em sentido forte, o proletariado não podia se formar como classe dirigente e, menos ainda, ambicionar o poder e administrá-lo sem uma organização política permanente. Mas como garantir que essa organização

fosse tão autônoma e compacta que não acabasse absorvida e decapitada pelo poder dominante e, ao mesmo tempo, tão democrática que não se tornasse ela mesma titular de um novo poder burocrático e privilegiado?” (p.184-185). Essas são questões que continuam em aberto.

As críticas que Magri faz à atuação do PCI são absolutamente atuais. Tratando da perda de militantes e do declínio da organização, diz que o partido nada oferecia de novo a novos militantes. “Os jovens, em especial, não se sentiam atraídos nem viam utilidade num engajamento feito majoritariamente de reuniões, campanhas eleitorais, proselitismos.” Eles queriam “entender e participar efetivamente da elaboração da política e contribuir com suas próprias experiências”, “queriam dirigentes capazes de compartilhar suas formas de expressão e suas emoções”. Não bastava falar do passado e do tempo da resistência ao fascismo (p. 187). (De minha experiência dos anos em que vivi em Moscou, posso afirmar que esse era um grande problema, também na URSS.) Magri diz ainda: “[...] discutíamos como o partido soviético funcionava, mas não debatemos o estado real do partido italiano. Éramos todos dirigentes ou clérigos. Falávamos da centralidade da classe operária, mas sem enxergar que cada vez menos operários se tornavam dirigentes do sindicato ou do partido” (p.187).

Magri, entre muitos outros temas de interesse, trata também da relação do partido com novos conflitos e novos movimentos sociais (p.228).

No final dos anos de 1960, Magri, Rossana Rossanda, Eliseu Milani e outros comunistas fundam a revista *Il Manifesto*, o que o afastou do partido, ao qual acabará por retornar.

Toda a análise histórico-política feita encaminha para o final do PCI. Depois de reconhecer, com orgulho, a contribuição essencial do partido para a democracia na Itália, Magri lembra os erros que foram provocando um grande êxodo. Em suas análises, mais uma vez, enfrenta questões bastante atuais para os militantes da esquerda, em especial para nós, brasileiros, nos dias de hoje: “[...] não é verdade que, por natureza, as classes subalternas permaneçam ligadas à esquerda – mas é verdade que, se uma organização não as convence e orienta, a televisão o faz” (p.369).

Analisando os grandes problemas da atualidade – como por exemplo o subemprego, os novos movimentos sociais e a situação internacional –, a posição de Magri é bastante clara: só há uma solução para os problemas da humanidade, o fim do capitalismo. E ainda citando o autor: “Ele [Marx] foi o único autor a perceber com tanta antecedência o nexo histórico entre capitalismo e industrialismo e a associar a superação de um à superação do outro”. “A exploração do trabalho vivo será uma bem mísera base para o desenvolvimento geral da riqueza”, a “produção pela produção” perderá todo sentido quando a medida do progresso for sobretudo “o enriquecimento das necessidades propriamente humanas e, em particular, da necessidade generalizada de uma atividade não alienada” (p.374).

Apesar de não ter completado seu belo voo – a doença desprende seu par de asas – Magri, através de sua vida e de seu livro, nos ensina que pode-se voar: o que é preciso é tentar fazê-lo.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A atualidade da economia política marxista

Alfredo Saad Filho

Existe uma burguesia mundial?

Danilo Enrico Martuscelli

Editando Marx e Engels

Pedro Leão da Costa Neto

Filmando *O Capital*

Fredric Jameson

O método da economia política

Karl Marx

30